

Dr. Donald Fowler, Contextos do Antigo Testamento, Palestra 7, Jubileu

© 2024 Don Fowler e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Don Fowler em seu ensino sobre os antecedentes do Antigo Testamento. Esta é a sessão 7, Jubileu.

Bem, bem-vindo de volta. Uma das coisas mais difíceis no curso Contextos do Antigo Testamento é que todos nós, inclusive eu, estamos interessados principalmente na história da Bíblia. Mas o problema é que a maior parte da história bíblica se passa mil anos depois que a história da Mesopotâmia realmente começou. Então você não pode simplesmente cair como um pára-quedas naquela região.

Você tem que pelo menos começar a criar continuidade. Mas finalmente estamos chegando ao ponto do antigo período babilônico onde os paralelos com a Bíblia são realmente interessantes, e acho que você descobrirá que isso é verdade. Localizei um mapa do Império Hicsos que queria mostrar a vocês, e isso nos dará uma pequena imagem visual deste grande império.

Como você pode ver na tela, temos o Império Hicsos que se estende até o sul da Turquia. A propósito, você também pode ver, no final do S em Hyksos, onde estava o Yom Kippur. Então aqui está um mapa mostrando a impressionante região física que os hicsos realmente governaram.

Desde o centro do Egito, como você pode ver claramente aqui, eles governaram até o centro do Egito. A capital do Império Hicsos era Avaris, no Egito, e então eles governaram até o rio Eufrates. Então, é claro, este foi um grande império, mas o que eu quero que você lembre comigo principalmente é que eles eram um grande povo, e não temos uma única tabuinha hicsa, então não é como se pudéssemos escrever um texto significativo. história desse povo da maneira que gostaríamos, mas eram pessoas de singular importância para os estudos bíblicos, ou para o povo hebreu.

Então, com isso, deixe-me voltar ao que considero um bom exemplo de quão frutífero pode ser o estudo dos antecedentes do Antigo Testamento. Neste último parágrafo mencionei que talvez a prática econômica mais difícil de instituir tenha sido a do Jubileu. No Antigo Testamento, a cada sete anos deveria haver uma remissão, ou seja, um cancelamento de dívidas.

Agora, uma das melhores passagens bíblicas que nos mostram isso está no livro de Deuteronômio, onde se lê assim: ao final de cada sete anos, você concederá a remissão das dívidas. E esta é a forma de remissão. Todo credor deverá liberar o que emprestou ao seu próximo.

Não exigirá isso do seu próximo e do seu irmão, porque a remissão do Senhor foi proclamada. Então, de um estrangeiro você pode exigí-lo, ou seja, quando você empresta dinheiro a um estrangeiro, você pode forçá-lo a pagar, mas sua mão liberará tudo o que estiver com seu irmão. E claro, Deus diz que a razão para esta prática é a famosa passagem do versículo 4, que não haja pobres entre vós.

Então, o que queremos salientar é que houve uma prática econômica que parece ter começado na Mesopotâmia com os amorreus, e essa prática foi um rei instituindo o cancelamento de dívidas. Na Mesopotâmia, havia uma prática interessante no antigo período babilônico, quando no primeiro ano completo do governo do novo rei, ele instituía o cancelamento das dívidas. Bem, vamos falar sobre isso, mas acho que existe a possibilidade de que isso tenha levado a esse conceito na Bíblia, em que não foi feito na base de um novo rei, mas foi feito de forma cíclica. a cada sétimo ano no antigo Israel, as dívidas deveriam ser canceladas, a terra deveria ficar em pousio e os escravos deveriam ser libertados.

Eu uso a palavra alforriado. Esta é sem dúvida a prática econômica mais surpreendente de todo o mundo antigo. O que Deus revelou a Moisés foi uma prática econômica que, num ciclo, o sétimo ano era o ano do que é chamado de ano de lançamento.

Foi o que aconteceu no ano de lançamento. No sétimo ano, todas as dívidas que um israelita contraísse com outro israelita seriam canceladas. Além disso, a terra não deveria ser arada no sétimo ano e todos os escravos deveriam ser libertados.

Agora, você percebe que coloquei isso em uma categoria separada, mas na realidade, a alforria de escravos foi simplesmente mais um caso de cancelamento de dívidas. Na nossa cultura, pensamos na escravatura em termos raciais. Na Bíblia, literalmente não tinha nada a ver com raça.

Tinha a ver com economia, principalmente. Numa comunidade agrícola, muitas coisas podem acontecer para levar um agricultor à falência: doenças nas colheitas, infestação de insectos, incapacidade física do agricultor, ou talvez o agricultor tenha ficado doente.

Então, havia coisas que poderiam acontecer que forçariam um homem ao que chamamos de falência em nossa cultura. Bem, eles não faliram no mundo antigo. Assim, a única maneira de um homem se proteger na catástrofe do fracasso total, do fracasso econômico, era vender-se ou vender um dos seus filhos como escravo.

No entanto, só quero dizer isso novamente para a câmara. Isso não teve nada a ver com preconceito ou raça. Esta era uma realidade quase completamente econômica.

Aconteceu em um mundo sem dinheiro real. Nesta época, não havia moedas. A coisa mais próxima que tinham de dinheiro era o peso da prata, um shekel.

A palavra hebraica shekel hoje descreve uma moeda, mas na Bíblia a palavra significava peso, PESO. Você pesaria numa balança uma medida de prata, e isso poderia ter o efeito de dinheiro. Mas, na realidade, o dinheiro não existia na cunhagem até o período persa.

Sem dinheiro, as pessoas negociavam mercadorias. Então, se você é agricultor e não tem bens, tudo o que você tem é a sua terra. Bem, na tradição hebraica, Deus deu uma lei que dizia que não se podia vender a terra. Assim, literalmente, como último recurso, tudo o que um fazendeiro hebreu poderia vender era ele mesmo ou um de seus filhos.

Então, por se tratar de uma prática econômica, aliás, acho que esse é um dos conceitos mais interessantes e incompreendidos da Bíblia. Permita-me apenas levar dois minutos para ir além de onde estamos, porque esse conceito de escravidão faz parte do Novo Testamento. Mas aí, na verdade, torna-se uma metáfora bem conhecida de como nos tornamos filhos de Deus.

Assumimos o status de escravidão. Isso é tão mal compreendido que eu realmente gostaria de poder dedicar um tempo para explicar isso a você. Contudo, a escravidão no Novo Testamento era apenas uma metáfora para a realidade de que os seres humanos eram propriedade de Deus.

Somos ambos seus filhos e seus escravos. É um pouco difícil de absorver, mas ambos são apenas metáforas. Na verdade, não somos filhos de Deus no sentido de que temos descendência biológica de Deus.

Somos filhos de Deus metaforicamente. Somos escravos de Deus metaforicamente. É uma área temática muito interessante.

Muito trabalho bom está sendo feito nisso hoje. Mas, voltando a esta prática, a libertação, que tem linguagem própria na Bíblia Hebraica, não deve ser confundida com o Jubileu. O Jubileu é o resultado de sete vezes sete, então o 50º ano é o ano do Jubileu.

A propósito, o Jubileu aparece em Levítico 25. Grande parte do capítulo é dedicada à discussão do Jubileu. O Jubileu pode ou não ter sido idêntico ao ano de lançamento, que foi o sétimo ano. Sabemos, sem sombra de dúvida, que esta prática de cancelamento de dívidas ocorreria num ciclo de sete.

Não temos certeza. Há um debate sobre como explicar isto, se o 50º ano foi simplesmente um sagrado 50º ano ou se houve uma diferença real na forma como

funcionou. O que sabemos é que Deus colocou Israel num programa económico caracterizado pelo cancelamento de dívidas e pela libertação de escravos. Talvez o pousio seja algo que ocorreu apenas no 50º ano, no 50º ano em que você não plantou.

Não podemos dizer com certeza, mas o que podemos dizer com certeza é que Deus criou um sistema económico para Israel, um sistema que deve a sua origem ao conceito hebraico do sábado para que as dívidas fossem canceladas. Então, se pudermos voltar às nossas notas aqui e olhar para isto, podemos ver que este conceito pode remontar a uma versão mesopotâmica que remonta ao antigo período acadiano, já em Sargão. Até agora, temos pelo menos 48 referências a diferentes libertações reais na Mesopotâmia.

Então, eu sei que entrei em uma discussão mais aprofundada, deixe-me voltar e dizer a você, na Mesopotâmia, você deve se lembrar, a libertação não ocorreu em um ciclo, ocorreu quando um novo rei assumiu o trono. Quando um novo rei assumia o trono, ocorria uma libertação, um cancelamento de dívidas. As duas palavras acadianas são mesharum e andirarum, que correspondem às palavras hebraicas Yashar e editor, que são etimologicamente iguais.

O dirur é a verdadeira contrapartida do andirarum mesopotâmico, então você não precisa saber tudo isso perfeitamente, só quero lhe dizer que a terminologia para lançamento na Mesopotâmia é etimologicamente idêntica à terminologia da Bíblia Hebraica. Em Deuteronômio 15, quando Deus falou sobre a libertação, essa é a palavra shmita, mas há também a palavra dirur, que é etimologicamente idêntica. Portanto, há alguma justificativa para argumentar que a linguagem da libertação é a mesma na Bíblia e na antiga Mesopotâmia.

Temos um total de 48 lançamentos diferentes que acumulamos, talvez hoje sejam mais de 50, houve um tempo em que eu dizia aos meus alunos que encontramos cerca de um quarto de milhão de tabuinhas cuneiformes, bem, hoje são mais de um milhão. E às vezes leva uma geração para que esses tablets sejam impressos, então há um verdadeiro lapso de tempo desde o momento em que encontramos os dados até o momento em que os dados se tornam parte do nosso sistema. Mas hoje existem provavelmente mais de 50 libertações diferentes que foram encontradas na Mesopotâmia, 50 menções diferentes de libertações que foram instituídas.

No entanto, a referência mais antiga a uma libertação mesopotâmica é provavelmente a de Aconitum por volta de 2500. A grande maioria das libertações na Mesopotâmia ocorreu no período mais frutífero para os estudos bíblicos, o início do período babilônico. Todos os reis do início do período babilônico, todos eles instituíram uma libertação.

Na verdade, o último dos antigos reis da Babilônia, Ammi-Saduqa, teve duas libertações que instituiu. Então, voltemos então às nossas informações. Podem imaginar o caos econômico que surgiria quando, na vossa cultura, não tivessem ideia de quando haveria um cancelamento de dívidas.

Na Mesopotâmia, várias coisas devem ter acontecido. O velho rei precisa ter morrido, o novo rei assume o trono, e só no primeiro ano completo é que você terá a libertação. Tudo isso é completamente desconhecido.

Então, o que isso significava na economia da antiga Mesopotâmia era o caos. O plano de Deus funcionou em um ciclo para o qual todos poderiam se preparar. O plano deles estava ligado à centralidade da realeza, o plano deles era imprevisível e desconhecido.

Portanto, mencionei a vocês em minhas anotações aqui que três tabuinhas foram encontradas em Chana, um pequeno reino no curso médio do rio Eufrates, a oeste da Babilônia, que tratam da libertação de uma forma ou de outra. Esses tablets são geralmente chamados de documentos de proteção contra liberação. Tudo bem, vamos ver se consigo configurar para você como isso funcionou.

Sempre tem que haver alguma forma de crédito. Mas suponhamos, digamos que, em termos modernos, você venha até mim e eu tenha dinheiro, e me diga: gostaria de pedir emprestado US\$ 50 mil de você como capital inicial para um negócio no qual estou trabalhando. Bem, eu olho para você e digo: acho que você é confiável, mas o que eu faço sobre o problema de eu lhe emprestar US\$ 50.000, o rei atual morre, o novo rei institui uma liberação, estou sem US\$ 50.000, você ganha US\$ 50.000 de dinheiro grátis.

Bem, os antigos eram tão inteligentes quanto nós. Em muitos aspectos, eles eram mais espertos, porque sabiam como sobreviver num mundo mais hostil do que aquele em que vivemos. Então, os antigos criaram um dispositivo de proteção de crédito para que, se eu lhe emprestasse o dinheiro, assinássemos um documento juntos, o que me protegeria, o credor, para que eu não perdesse meu dinheiro.

Eu lhe emprestaria o dinheiro, mas declararíamos em uma tabuinha cuneiforme que esse empréstimo não estava sujeito ao cancelamento da dívida. Bom, encontramos esses documentos, esses documentos de proteção, durante todo o período da Antiga Babilônia. Vários tablets foram encontrados em outro site chamado Newsy, mencionando o lançamento, e também são documentos de proteção.

Então aqui vai meu comentário ao analisarmos essa prática na Mesopotâmia. Todos os antigos reis da Babilônia tiveram pelo menos uma libertação, Ammi-Saduqa teve duas. Observe sua afirmação e pense no seu Antigo Testamento enquanto lemos sobre a libertação de Amid Saduqa.

Foi o ano em que o humilde pastor, que deu ouvidos a Anu e Enlil, surgiu para a terra como o sol, e para todo o povo criou uma ordem justa. Sublinhei a ordem justa porque essa é a palavra mesharum, uma das palavras bíblicas para libertação. Em seu décimo ano, ele afirmou que foi o ano em que o verdadeiro pastor, o favorito de Shamash e Marduk, liberou as dívidas da terra.

Tudo bem? Então, o que vou fazer é dividir nossos comentários agora em duas áreas temáticas, e deixe-me escrevê-los aqui no quadro para que eu possa configurá-los para vocês, para que seja um pouco menos confuso. Portanto, as duas áreas temáticas são o conceito bíblico de libertação e, em segundo lugar, o termo preferido de realeza quando se trata de libertação, que é a palavra pastor. Tudo bem? Então, o que vamos fazer é lançar duas palestras informativas.

Não sou bobo o suficiente para pensar que são ótimas palestras. São apenas palestras informativas que nos ajudam a compreender profundamente coisas que repercutem diretamente no ministério público de Cristo. Tudo bem? Então, o primeiro desses dois que veremos é o termo libertação.

O que vemos neste ciclo de libertação do sétimo ano é um ciclo que eu chamaria de Sabatista. OK? É claramente uma reprodução das reverberações do sétimo dia que Deus nos apresenta em Gênesis 1 e 2. Em seis dias Deus criou a terra. No sétimo dia, Deus descansou.

Isso é o que queremos dizer com sabatista. Tudo bem? Bem, esta libertação que vemos na tradição bíblica é claramente uma continuação daquele ciclo do sábado. O sétimo ano é o ano de descanso.

Assim como Deus descansou no sétimo dia, no sétimo ano os hebreus deveriam descansar. O ano inteiro foi reservado para descansar. Assim, o que vemos desenrolar-se diante de nós é um fenômeno em que o ciclo sabatista aparece num formato económico.

Tudo bem? Então, começarei a escrever minha triste tentativa de criar um gráfico para você ilustrar o que estamos falando. Então, vamos começar com os fenômenos reveladores mais importantes. Na tradição hebraica, é que Deus é rei.

OK? Como rei, existem duas qualidades importantes na realeza de Deus: que ele é o provedor e que ele é o protetor. Agora, tudo isso é muito complexo, e se eu estivesse ensinando essas coisas em uma grande universidade como a Universidade de Chicago ou a Universidade de Michigan, os professores de lá ririam de mim pela maneira simplista como estou apresentando isso a vocês. .

Mas, para termos algo em que construir, temos que começar, penso eu, com ideias simples que possamos absorver antes de começarmos a chegar a coisas complexas que podem ser onde podemos dividir os cabelos. Mas o que estamos vendo é que, na tradição bíblica, há um fator muito importante na tradição bíblica: o texto foi concebido para nos revelar a identidade de Deus. Se você é Deus e criou os céus e a terra, você tem a necessidade de contar a todas as gerações subsequentes quem você é e como funciona.

Portanto, o aspecto central da imagem bíblica de Deus é que ele é rei. Agora percebo que existem outros termos que descrevem Deus, mas acho que este é o mais importante. E se você parar e pensar sobre a realidade da realeza comigo, isso pode fazer sentido para você, por quê? Não há ninguém acima do rei.

Na Mesopotâmia, vimos que o rei é todo-poderoso, vimos que o rei é dono de todas as terras, vimos que o rei é o centro de todo o sistema social. Portanto, fornece uma metáfora perfeita para revelar a identidade de Deus. Deus é o único.

Não há outro rei. Ele é o único. Ele está acima de tudo.

Ele é dono de tudo. Ele é tudo. Portanto, é a metáfora perfeita para revelar a identidade de Deus.

Então, ao instituir a libertação, você percebe a ligação na Mesopotâmia, quem instituiu a libertação? É o rei. Bem, quem instituiu a libertação na Bíblia? Deus. Porque Deus é o rei de Israel, todos os outros reis são reis apenas porque são vassallos do grande rei.

Então, é como rei que Deus pode nos revelar a sua identidade, mas não apenas a sua identidade, porque a sua identidade é que ele é um rei. Mas o que o comunicado nos diz é o que o rei faz. Ele fornece e protege.

Ele é justo. Então, com isso em mente, deixe-me salientar que esse incrível fenômeno econômico da libertação, esse incrível fenômeno econômico lida com três entidades que estão abaixo disso. Uma delas é que obviamente trata de terras.

Dois, trata da humanidade. Tento em minhas aulas usar a palavra humanidade, pois acredito que Adão e Eva constituem a imagem de Deus, não apenas Adão. Mas estou com pouco espaço, como vocês podem ver, então vou colocar apenas o homem porque ele é menor que a humanidade.

Então, o que o lançamento trata é de dois fenômenos, a terra e o homem, a humanidade. Bem, quando você pensa em Gênesis 1 e 2, de onde tudo isso parece começar, o que é enfatizado em Gênesis 1 e 2? A terra que Deus cria e o homem que Deus cria para viver na terra. Bem, no pensamento do antigo Oriente Próximo, que é o que pensamos ser a base para a compreensão do pensamento bíblico, o que isso

nos diz é que Deus está usando os eventos de Gênesis 1 e 2, e 3, devo acrescentar, ele está usando como conectores que pelo menos seu núcleo está apontando para Deus.

Talvez eu precise mudar as cores da minha caneta para que você possa ver isso com mais clareza. Essas coisas realmente chamam nossa atenção para Deus. Eu entendo que você e eu gostamos de ir ao shopping para observar as pessoas porque as pessoas são muito interessantes.

Na verdade, no pensamento bíblico, Deus é o ser que devemos observar. O objetivo é nos explicar quem é Deus e o que ele faz. Assim, quando pensamos na terra no pensamento bíblico, pensamos em Deus como o criador e pensamos nele como o provedor.

Tudo bem? Então, se pudermos colocar isso em nossa mente, então podemos trabalhar com um fenômeno no qual, à medida que Deus comunica sua realeza, ele o faz neste modelo sabatista. Somos uma cultura. Na verdade, não estou recebendo dinheiro suficiente para dizer quantos anos tenho. Posso ter mais de 39 anos.

Mas lembro-me, quando era mais jovem, que quando chegava o domingo, o domingo era em grande parte um dia em que as coisas fechavam. E no decorrer da minha vida, isso, é claro, mudou dramaticamente, onde o domingo tem muito pouca diferença do resto da semana. Bem, isso é porque a influência do Cristianismo pegou o domingo e o transformou no dia de sábado do Antigo Testamento.

E assim, descansamos no sábado. Bem, o que tudo isto está a fazer é estabelecer a ligação de que o plano econômico de Israel não era apenas um plano econômico. Em sua essência, a coisa toda foi projetada para ser teocêntrica.

A coisa toda foi projetada para nos fazer pensar em Deus. E assim, como doador da terra e criador da humanidade, Deus é mostrado em ambos os eventos como rei. Mas agora ele também está nos colocando numa situação em que as energias da ação funcionam não apenas verticalmente, quando pensamos em Deus, mas horizontalmente, quando percebemos que a liberação tem uma energia horizontal que funciona assim.

O que quero dizer com o gráfico é mostrar-vos que isto é descanso e cancelamento de dívidas não apenas para a humanidade, mas para a própria terra. Assim, uma vez que Deus, o grande rei, dá a terra, Deus construiu um sistema no qual existem responsabilidades horizontais entre a humanidade e a terra que emanam das nossas responsabilidades verticais para com Deus. Então, é aqui que meus pensamentos estão indo.

No incrível plano de Deus, vou usar uma palavra. Não gosto desta palavra porque, na nossa cultura de hoje, existem muitos termos politicamente sensíveis, mas a palavra incorpora algumas das ideias. O que vemos acontecer aqui é que Deus está ensinando à humanidade que, ao dar descanso à terra, assim como os seres humanos têm descanso, Deus está nos lembrando de que ela é totalmente sagrada.

Esta não é a nossa terra. Todas as terras pertencem a Deus e, portanto, todas as terras devem ser tratadas com o mesmo respeito e dignidade com que tratamos os humanos que nela vivem. Assim como os humanos têm um sétimo ano de descanso, o mesmo acontece com a terra.

Isto tem muitas implicações teológicas que não tenho certeza se podemos; Tenho certeza de que não conseguiremos expor todos eles hoje em nossa palestra, mas o que estamos fazendo é lembrar à humanidade e à terra que nós dois pertencemos a Deus. Assim, a terra descansa e a humanidade também. Acho que isso se traduz na realidade de que, de uma perspectiva cristã, defendemos o respeito pela terra, não porque a terra seja melhor servida quando não há pessoas nela, o que às vezes é a impressão que tenho com certas formas mais extremas. dos ecologistas, mas que a terra pertence a Deus e, portanto, não temos o direito de abusar dela.

Acontece que agora sabemos por acidente que é bom não cultivar a terra todos os anos para sempre. Sabemos agora que se a terra não tiver descanso periódico, drenamos a sua fecundidade. Então, penso que pode ter havido uma possível razão ecológica para que a terra tenha descansado porque, tal como os seres humanos, não apenas reproduzimos o conceito do sábado, mas todos nós precisamos de descanso.

O modelo do sábado não é apenas um modelo que pensamos à luz da criação. Também é uma realidade prática que a Terra precisa descansar periodicamente e os humanos precisam descansar periodicamente. Portanto, há uma teologia nisso, mas também um conceito prático.

Então, ele está nos ensinando que existe uma maneira pela qual devemos pensar sobre a terra, e isso significa que ela pertence a Deus. Não cabe a nós abusar. É a terra de Deus, e você e eu somos, para usar a terminologia moderna, o que somos nesta terra é que somos meeiros.

Cultivamos a terra, mas ela pertence a Deus. Então, esse é um aspecto de como podemos pensar esse cancelamento de dívidas. O outro aspecto é que penso que nos lembra que embora no pensamento ocidental nos concentremos na liberdade da humanidade, também estamos num mundo onde os humanos, mesmo na América, abusam dos humanos.

Então, o objetivo disso é ensinar aos hebreus que, ao cancelar todas as dívidas a cada sétimo ano e libertar os escravos, Deus está lembrando à sua criação algo que é óbvio e sagrado, mas não é tão óbvio em Gênesis 1 a 2 e 3. Cada o homem e toda mulher foram criados à imagem de Deus e, como isso é verdade, não temos o direito de abusar economicamente de outro ser humano. Este sistema, que é dramaticamente teocêntrico em sua essência, é também um sistema que nos ensina como viver nesta terra. Então, o que isso significa é que, no mundo antigo, Deus estava dando um sistema econômico no qual os seres humanos, se me permitem esta afirmação, que pode ser dramática demais para a realidade, os seres humanos são incapazes de abusar uns dos outros economicamente porque a cada sétimo ano, todos têm um novo começo.

Todo empréstimo deve ser cancelado. Se você se vendeu como escravo, precisa ser libertado. E assim, o que isso significa é contrário às formas de capitalismo. O que temos é um sistema capitalista com consciência.

Ou seja, se você trabalhar duro durante seus seis anos, poderá prosperar. Mas se você passou por tempos difíceis ou talvez o seu vizinho seja apenas mais astuto e inteligente do que você e ele esteja à sua frente, então Deus estava criando um sistema pelo qual a cada sete anos havia um novo começo criativo. E neste início criativo, não houve apenas um lembrete de que Deus está na origem de todas estas coisas, mas existe um sistema que funcionará para a vida nesta terra.

Este é um sistema verdadeiramente, eu acho, teologicamente incrível que Deus criou. E penso que tem a ver com uma visão adequada da ecologia e, eu diria, uma visão adequada das relações. Eu perdi; você não consegue ver o final da palavra ali, mas sim uma visão adequada do relacionamento.

Quando você lê Deuteronômio 15, não reservamos tempo para fazê-lo porque não temos tempo suficiente esta semana para colocar tudo em prática. Mas se dedicássemos tempo para fazê-lo, você veria a palavra irmão aparecer repetidamente. Você também veria que a palavra pobre aparece repetidamente.

Você também veria que o plano de Deus para como este sistema funciona estava centrado repetidamente no objetivo divino no capítulo 15 de Deuteronômio, de que não houvesse pobres entre vocês. Penso que poderia dizer a partir disto que não é a vontade de Deus que haja pessoas pobres. O desejo de Deus é que, como grande rei, o desejo de Deus seja que todo o seu povo tenha uma maneira de ganhar a vida igualmente.

No antigo Israel, o que significava era que cada um tinha a sua própria videira e a sua própria figueira. Agora, isso é uma metáfora, nem todo mundo tinha figueiras, nem todo mundo tinha vinha, mas isso é uma metáfora para o fato de que todos em Israel possuíam propriedades. Era um mundo agrícola. Não havia indústria.

Então, Deus criou um sistema em que todos tinham propriedades iguais, por assim dizer, e todos eram capazes de evitar a pobreza porque, a cada sete anos, a terra revertia para o proprietário original. E assim, temos a combinação mais surpreendente de teologia e economia que conheço em qualquer lugar da Bíblia Hebraica. Portanto, este sistema parece ter origem na Mesopotâmia.

Parece ter sido adaptado por Deus, salvo que na tradição hebraica ele é o rei, e parece ter sido construído sobre o modelo da criação, o que significa que Deus pretendia que isto fosse permanente, pelo menos entre Israel. E parece ser o tipo de coisa que criou uma economia que teria passado por uma experiência de renascimento numa base cíclica. Aqui está o problema.

Literalmente nunca foi feito. Agora não podemos dizer com certeza, mas achamos que esse foi o problema. Em 1400 AC, Moisés escreveu sobre isso.

Em 1360, Josué os traz para a terra prometida, e as coisas vão muito bem por algumas décadas, mas então acontece um acontecimento triste: Josué morre. E então, se você se lembrar da sua história bíblica, você se lembrará de que quando Josué morrer, não haverá sucessor. O texto bíblico dá grande importância ao fato de Josué ser o sucessor exato de Moisés.

Mas quando Josué morre, não há sucessor para Josué. E assim, pelos próximos 340 anos, colocaremos mais de 300 anos, estamos no livro dos Juízes. No livro de Juízes, o que temos é um livro que nos diz: você está pensando comigo agora? Naqueles dias não havia rei em Israel.

Cada um fez o que era certo aos seus próprios olhos. A palavra traduzida corretamente também é a raiz da palavra liberação. Assim, com a morte de Josué, já não temos um povo unido nem uma liderança unida.

E durante os próximos 300 anos, não haverá libertação. Assim, quando finalmente tivermos o primeiro rei, por volta de 1050, com Saul, quando tivermos o primeiro rei, já teremos passado 400 anos sem qualquer liberação. E sabemos por 2 Crônicas que a libertação, segundo nos diz, nunca foi praticada em todo o Antigo Testamento.

Assim, temos o problema, sem liderança, sem pessoas seguindo a liderança, então não há ninguém para apresentar a liberação e não há ninguém para seguir. E quando a realeza finalmente aparece, é aparentemente demasiado difícil interromper o fluxo económico numa data posterior. E assim, a libertação em todo o Antigo Testamento nunca foi praticada.

Agora lembre-se, antes de deixarmos isso, deixe-me esclarecer o que quero dizer. Deus disse que não haja pobres entre vocês. Quando entramos no período da monarquia, entramos também no período dos profetas.

E o que temos são mensageiros que Deus levantou para condenar o abuso de humanos por parte de humanos. E dificilmente há uma área temática que os profetas abordem com mais paixão do que a área de como os ricos abusam dos pobres. Este é um conceito cristão de primeira ordem.

Também tenho o privilégio de ensinar o livro de Atos na Liberty University. E farei apenas uma conexão rápida, se me permitem, entre o que estivemos conversando. Não é por acaso que, quando chegamos ao livro de Atos, os primeiros cristãos mencionados em Atos, todos judeus, venderam seus bens e criaram uma economia, da melhor maneira que puderam, na qual não havia pobres.

Eu sugeriria a você que os primeiros crentes em Atos podem muito bem ter seguido este modelo de Deuteronômio 15, no qual tentavam replicar a verdadeira comunidade que Deus pretendia. Agora, não tenho certeza de até onde levar isso para a era cristã moderna em que estamos. Mas o que posso dizer é que, seja tratando do Antigo ou do Novo Testamento, é um conceito cristão tentar lidar com o problema da pobreza.

É um conceito ético que está enraizado na própria criação. Quando Deus criou esse cancelamento de dívidas, ele estava criando algo que foi projetado para que cada ser humano pudesse refletir de forma mais eficaz a sua condição de portador de imagem. Você sabe, se pudermos tratar as pessoas como se o destino delas na vida fosse o fato de serem pobres, então criamos uma realidade psicológica de que não as vejo como verdadeiros portadores de imagem.

Eu os vejo como em outra aula. Eles são pessoas pobres. E esta é a história da raça humana, não é? Então, não sei se há muitos lugares no Antigo Testamento que são mais dramáticos e mais importantes do que os que estamos vendo aqui.

Estas são informações básicas não apenas para o Antigo Testamento, mas também informações básicas para o Novo Testamento. Então, isso nos leva a apontar para a realidade de que, porque isso foi desobedecido pelos israelitas, todos desde Davi em diante, incluindo Davi, quando Deus enviou Israel para o exílio, 2 Crônicas 36.21 nos diz que Deus determinou o número de anos de exílio em Babilônia pelo número de anos sabáticos que foram violados. Quantos anos sabáticos eles violassem determinavam quantos anos eles ficariam no exílio.

Setenta sábados, 70 vezes 7, e assim por diante. Então, acho que tudo isso é uma informação tremendamente importante que faz parte integrante do período da Antiga Babilônia, mas está viva e dominante em todo o resto do Antigo Testamento.

No final dos anos 70, surgiu um novo e, eu diria, um barulhento grupo minoritário de estudiosos chamados minimalistas.

Eles são assim chamados porque negam a historicidade de qualquer passagem bíblica, a menos que essa passagem possa ser cientificamente comprovada como um fato. E eles negaram as conexões que tenho tentado fazer aqui entre a libertação babilônica e a libertação mencionada na Bíblia. Pela minha parte, como podem ver claramente, não se trata apenas de uma libertação econômica. É uma libertação que está ligada à própria criação.

Na criação, Deus estava estabelecendo um ciclo sem fim. Um ciclo interminável que talvez seja capturado por Eclesiastes 3 porque naquela passagem de Eclesiastes 3, sobre um tempo para isto e um tempo para aquilo, o autor dessa passagem nos deu 14 tempos. 14 vezes disso, 14 vezes daquilo.

Hora de viver, hora de morrer. Obviamente, esse é um número que é a criação vezes dois. Dupla criação.

Então, o que eu sugeriria que Deus fez é que ele criou um conjunto de tempos que, se seguido corretamente, seria um conjunto de tempos que faria a vida nesta terra funcionar de uma maneira melhor. Agora, a boa notícia para você enquanto assiste a este vídeo é que não estou concorrendo a um cargo público. Se eu for eleito presidente, não posso fazer isto ou aquilo.

Mas acredito com alguma paixão que mesmo um governo secular poderia seguir um sistema como este e fazê-lo funcionar de uma forma ética superior ao que está a acontecer, digamos, no mundo que nos rodeia. Portanto, o sistema nunca foi praticado por causa da pecaminosidade humana. Houve consequências nisso.

Essas consequências repercutem até mesmo no nosso mundo de hoje. Mas gostaria de sugerir a você que esse conceito serviu de veículo para que nosso Senhor se revelasse. Vamos nos preparar para fazer uma pausa. Mas enquanto fazemos isso, deixe-me apresentar a vocês onde iremos no nosso intervalo.

E para onde vamos é a citação de Lucas em Lucas 4, uma citação na qual Jesus cita Isaías 61. E Isaías 61 obviamente está fazendo referência ao conceito de Levítico 25. Então, o que faremos quando passarmos para o nosso próximo vídeo é apontar como esse conceito de libertação se torna um veículo para a auto-revelação de nosso Senhor em Lucas capítulo 4. Acho que você achará isso interessante.

E o que focaremos na próxima hora depois de defendermos esse ponto, o que focaremos na próxima hora é o conceito de pastor, que está associado a uma libertação na Mesopotâmia. Então, prosseguiremos e terminaremos este vídeo e começaremos o próximo mais tarde.

Este é o Dr. Don Fowler em seu ensino sobre os antecedentes do Antigo Testamento.
Esta é a sessão 7, Jubileu.